

“ESTE CARA SE TORNOU UM COMPLETO SELVAGEM” - UMA ÚLTIMA ENTREVISTA COM JAN VANSINA

“THIS GUY HAS BECOME A COMPLETE SAVAGE” — A
LAST INTERVIEW WITH JAN VANSINA

RESUMO: Tradução, acompanhada de adicionais, para o português da entrevista feita por Hein Vanhee, historiador e curador do Musée Royal de l’Afrique Centrale (MRAC), Bélgica, com Jan Vansina, e originalmente publicada em inglês, sob o título ““This Guy has become a Complete Savage” — A Last Interview with Jan Vansina”, na revista African Studies Quarterly, da Universidade da Flórida, EUA (v. 18, n. 2, p. 01-16, 2019). Responsáveis pela tradução: Marta Heloísa Leuba Salum (Lisy) e Felipe Antonio Honorato

PALAVRAS-CHAVE: Jan Vansina; Reino Kuba; Congo Belga; Hein Vanhee

ABSTRACT: Translation, accompanied by additions, into Portuguese of the interview made by Hein Vanhee, historian and curator of the Musée Royal de l’Afrique Centrale (MRAC), Belgium, with Jan Vansina, and originally published in English, under the title ““This Guy has become a Complete Savage” — A Last Interview with Jan Vansina”, in African Studies Quarterly, University of Florida, USA (v. 18, n. 2, p. 01-16, 2019). Responsibles for the translation: Marta Heloísa Leuba Salum (Lisy) and Felipe Antonio Honorato.

KEYWORDS: Jan Vansina; Kuba Kingdom; Belgian Congo; Hein Vanhee

Hein Vanhee
Marta Heloísa Leuba Salum
Felipe Antonio Honorato

“ESTE CARA SE TORNOU UM COMPLETO SELVAGEM” - UMA ÚLTIMA ENTREVISTA COM JAN VANSINA

Entrevista feita por Hein Vanhee¹

**Tradução da entrevista feita por
Marta Heloísa Leuba Salum (Lisy)
e por Felipe Antonio Honorato²**

Introdução

Jan Vansina (1929-2017), professor emérito da Universidade de Wisconsin-Madison, EUA, foi um dos pioneiros e mais respeitáveis africanistas do mundo. Teve como base da consolidação de seu conhecimento humanístico a prática etnográfica: Vansina partiu ao encontro da história a partir da antropologia. Neste artigo apresentamos uma tradução de uma última entrevista que Vansina concedeu ao historiador do setor de antropologia cultural e história do Museu de Tervuren-Musée Real de l’Afrique Centrale, Hein Vanhee.³ Foi bem depois de seu premiado *De la tradition orale* (1961), que surgiu *Art History in Africa: An Introduction to Method* (1984). Mas no todo de sua obra perpassa a arte kuba, já no patamar de uma das mais distinguidas tradições estéticas do continente africano relatadas e colecionadas a partir de 1883.

Por este motivo reservamos parte do artigo a um apanhado prévio sobre o assunto, antes do que lhe reservou Vansina em grande parte da sua entrevista derradeira como em sua obra. Desde já, pontuamos elementos sobre grafia adotada, a forma como aqui esses povos e culturas relacionadas serão lembrados: os nomes dos povos tradicionais da África central, integrados em maioria no “complexo linguístico bantu”, são formados por um prefixo indexador de plural (BA, MA, BAKWA, BENA) e um vocábulo específico - um “radical” ou um “signo linguístico” próprio, de pertencimento. Com isso, passa a ser KUBA um adjetivo em correspondência ao substantivo BAKUBA. Os termos vernaculares serão aqui tratados, tentando manter conformidade com os textos dos que mais se debruçaram sobre a vida desses povos – como os do

¹ Hein Vanhee: É historiador e curador do Musée Royal de l’Afrique Centrale (MRAC) em Tervuren, Bélgica. Seus interesses de pesquisa incluem a história da África Central e suas diásporas, colonialismo, cultura material e arte, e patrimônio cultural.

² Marta Heloísa Leuba Salum (Lisy) é antropóloga e artista, membro da equipe do Núcleo de Apoio Pesquisa Brasil-África da Universidade de São Paulo (NAP Brasil-África / USP) e professora aposentada da área de Etnologia Africana do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP). É a responsável pela tradução do texto da entrevista, por redigir a introdução e considerações finais. lisy@usp.br

Felipe Antonio Honorato também é responsável pela tradução do texto da entrevista e por redigir a introdução e considerações finais. Ele é atualmente doutorando do Programa de Pós-Graduação em Mudança Social e Participação Política da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (ProMuSPP/EACH/USP). felipe.honorato@alumni.usp.br

³ “*This Guy has become a Complete Savage*” – *A Last Interview with Jan Vansina*, na revista *African Studies Quarterly* do Centro de Estudos Africanos da Universidade da Flórida, EUA (VANHEE, 2019).

próprio Jan Vansina, que, no maior de sua obra, manteve essa convenção em que nos baseamos, fundada no sistema de pensamento dos *povos kuba* ou dos *bakuba* partilhados com os chamados “povos bantu”. Resta observar que a dispensa de inicial maiúscula na grafia de *bakuba*, e de nomes de outras sociedades ou povos aqui mencionados, se deve ao fato de que em português, diferentemente de algumas línguas, como no inglês, ela se aplicaria apenas nas iniciais de nomes de um território devidamente delimitado – daí Reino Kuba, como grafariamos *Reino Unido* ou *Brasil*. Em português não escrevemos “Brasileiros” e sim, *brasileiros*, daí o correspondente *bakuba* vai também com a inicial em minúscula, em que, por sua vez, dispensa-se a pluralização já dada pela noção de conjunto que o prefixo da palavra implica.

1. Da arte à tradição oral dos bakuba

A perda de Jan Vansina é irreparável. Somos ainda poucas gerações de estudiosos no Brasil que vêm fruindo de seus escritos apaixonantes de vida congoleza revelada através de sua própria vida dedicada aos estudos sobre os bakuba – estes povos geridos pela dinastia dos *bushoong* desde o século XVI conforme dita a sua tradição oral revista por Vansina com eles mesmos. Há pouco mais de quatro anos ele partiu, sem levar consigo sua fala – como muitos de nós certamente, mas sem que o quiséssemos, haveremos de fazer: corremos risco no pouco tempo de vida que temos em nos dispersar por seduções de toda ordem, e deixar de amadurecer o que aprendemos na vida e com a vida. Disso Vansina soube bem se desviar, fazendo de suas vivências fora do mundo europeu de que viera como seu principal, mergulhado no que ouviu e viu mais do que ninguém, abrindo mão de sua fala e expressão para que elas se constelassem depois das dos outros com quem mais se via afinado.

É isto que o leitor poderá depreender já logo no começo da entrevista que concedeu Jan Vansina, nove meses antes de seu desaparecimento, a Hein Vanhee, curador do Musée Real de l’Afrique Centrale-MRAC, Tervuren, Bélgica. Além de curador, Vanhee é mestre em Antropologia pela University of East Anglia, Reino Unido, e em História da Arte (“Etnical Art”) pela Universidade de Gent (UGent, Bélgica), onde ele também realizou seu curso de doutorado em História da África. A partir disso, vem se aprofundando no estudo do início da história colonial do Mayombe, Baixo Congo, na República Democrática do Congo, pesquisando sobre o desenvolvimento e implementação do governo indireto na região e seu impacto de longo prazo na cultura política local. Lembre-se aqui da conferência com que Vanhee já nos contemplou sobre suas pesquisas, em um dos encontros do Núcleo de Apoio à Pesquisa Brasil-África, na Universidade de São Paulo, em 2014.

Tratar com profundidade de uma cultura situada em um dado período do tempo implica na investigação e no conhecimento das formações e migrações sociais que marcaram o passado dos povos circunvizinhos, havendo na história dos bakuba e dos povos do Mayombe (entre eles, parte dos bakongo) inúmeras identidades culturais e linguísticas, como atestou Vansina. No campo da história da arte, isso permitiu corrigir muito do que a literatura colonial fantasiosa e preconceituosa - diga-se também evolucionista - inventou, e levou jovens pesquisadores congolezes de sua época a rever o que a propaganda colonial explorava, havendo muitos congolezes jovens que mais adiante se introduziriam na tentativa de reinterpretação da arte e história local através da oralidade (ver, por exemplo, MABINTCH, 1981).

O conjunto da obra de Jan Vansina, focada no território e na sociedade kuba e em outros estados centralizados que se desenvolveram na África central desde o início do século XVI, atesta um passado comum dos povos congolezes e avizinhos, estados estes desestruturados com o fato colonial. A partir de sua obra, tem-se que os bakuba vieram do oeste, provavelmente vivendo nas margens do Atlântico, e que tiveram contato com os portugueses antes de 1525 nas margens do rio Congo, quando então deixaram a área controlada por eles, migrando até se estabelecerem no território em que hoje se encontram desde cerca de 1680, na atual província do Kasai Oriental, no centro-sul da República Democrática do Congo. Por isso não é casual as similaridades entre grafismos, e algumas de suas aplicações plásticas e arquitetônicas, no que foi levado da região kongo para os gabinetes de curiosidades do renascimento europeu e aspectos característicos da arte kuba, descoberta nos anos 1890 pelo missionário norte-americano William Sheppard - a primeira pessoa do mundo ocidental a ter permissão de entrar no Reino, e não menos importante colecionador dessa arte (ver CUREAU, 1982).

A propósito dos estudos sobre a arte kuba, Vansina superou em profundidade e expertise todos os que por lá passaram com vistas a eles, até mesmo a autoridade neste campo, que é o padre Joseph Cornet (f.s.c.), em sua permanência de mais de vinte anos na coleta, estudo, ensino e formação das coleções dos museus nacionais do país, tendo sido dezessete deles sob a ditadura de Mobutu, no cargo de diretor do Institut des Musées Nationaux du Zaïre (IMNZ), em continuidade ao que já exercia desde um ano antes, como primeiro diretor do “Instituto Nacional dos Museus do Congo”, fundado em 1970. O imponente livro *Art royal kuba* (CORNET, 1982), onde o autor demonstra mais uma vez, como em outras publicações, sua perícia nesse campo, não deve, no entanto, ser tomado como a referência que é sem que antes se leia a resenha crítica que Jan Vansina fez dele (VANSINA, 1983). Nela Vansina, com sua esparramada generosidade, aponta e complementa lacunas de um livro que é terminado precipitadamente, mesmo que depois de vários anos de estudo por parte de Cornet junto aos bakuba, interrompido com seu retorno à Bélgica, onde ainda continuou trabalhando sobre o assunto ainda que muito pouco tempo antes

de sua morte. Como observa nessa resenha Vansina, ele deixou para outras monografias muito ainda a se discutir sobre uma visão dinâmica acerca da arte kuba.

Vansina citará, em sua entrevista, Emil Torday, o estrangeiro a conviver com os bakuba como um antropólogo que o precedeu nisto, mas bem diferente do humanista e cientista que Vansina foi: Torday já teria prestado serviços diretamente à administração colonial na região, quando especialmente enviado aos bakuba como um antropólogo da época e coletor pelo British Museum. Também se refere, com sua particular espiritualidade, a alguns outros personagens dessa história, como o renomado fotógrafo Eliot Elisofon que expandiu a difusão da cultura e arte kuba através produtoras e magazines internacionais como a Geographic Magazine e a Life, a partir do final dos 1940. Antes, essa arte, ainda na sua grandeza velada do final do XIX - início do XX, já estava presente entre nós, durante anos sem autoria determinada, no Museu Paraense Emílio Goeldi, em Belém do Pará, sendo imperdíveis as amostras de escultura, armaria, tecelagem e trançado dos bakuba e de outras culturas da África central conservadas no precioso acervo desse nosso museu amazônico e brasileiro (ver SALUM, 2014). Enfatizando a projeção e a força desempenhada por essa arte, Vansina já vinha afirmando ao longo de seus escritos que o Reino Kuba foi o único de todos os grandes reinos que sobreviveu entre os abrangidos pela atual República Democrática do Congo, e os da maioria da África central que o país compreende em parte, devido não apenas à centralidade e imponência da organização política sobre seu território, mas também pela reputação incontestável das artes kuba no Ocidente crescente a partir do final do século XIX (VANSINA, 2007). Meio século depois, Jan Vansina que viveu com os bakuba por muitos anos na década de 1950, teria oportunidade de cotejar, e sobretudo rever, o que os que o antecederam no campo (além de Sheppard e Torday, Frobenius) observaram e coletaram décadas antes.

Mas, ainda que em muito valham estudos posteriores (ver por exemplo, Binkley e Darish, 1998), não é de nosso conhecimento que se tenha dado um mínimo do que Vansina esperava que se desse depois dele:

“Pesquisas futuras provavelmente levarão a uma história muito mais completa das artes visuais, especialmente na escultura e na decoração. Os objetos serão escavados e datados. As coleções nos museus são extensas, podem ser classificadas e estudadas. Partes deles talvez possam ser datadas. No tempo, podemos esperar por uma história da arte Kuba que acrescente ao que foi recuperado até hoje na área da história política e econômica” (VANSINA, 1978, p. 224).

Conhecido como um dos primeiros pesquisadores de campo na África dos mais relevantes, um clássico da antropologia africanista no melhor e na mais crítica análise que ela desperta – nosso Kabengele Munanga já nos chama a atenção para isto há quase quarenta anos

(ver MUNANGA, 1983) – Jan Vansina é uma referência no campo da história principalmente em virtude de sua contribuição teórica e metodológica sobre tradição oral (VANSINA, 1961), talvez mesmo de seus escritos mais tardios. Já dentro de outros campos das humanísticas por onde Vansina começou (ver VANSINA, 1964; VANSINA, 1965; VANSINA, 1966, entre muitos outros artigos em revistas especializadas desde meados de 1950), o nome desse estudioso passou a ser mais difundido entre nós apenas mais recentemente, sobretudo acerca dessa sociedade africana junto da qual mais se deteve – seu *The Children of Woot* parece ser citado atualmente por vezes entre nós (VANSINA, 1978), menos talvez do que *How Societies Are Born* (VANSINA, 2004), que está entre os mais relativamente recentes.

Vansina faz parte dos raros estrangeiros de sua época que, na África, deflagram por si, e em si mesmos, a presença da dimensão da selvageria capitalista e moderna, dos males da cristandade medieval, do ranço da ética e moral ocidental, que ainda se querem como legítimas e eternas. São mestres eternos para sorte do rumo a tomar na produção científica e acadêmica do presente, universalmente – principalmente no ensino-aprendizagem. Essa produção, para além de ser “reconstruída”, deveria ser construída cumulativamente, sem perda de nada do que ela é feita historicamente. Pensemos isto especialmente entre nós, brasileiros, herdeiros de uma cultura hegemônica totalitária e integrados em uma sociedade de modelo oligárquico e cruel em que poucos, mas poderosos, estampam, sem parcimônia, nem qualquer constrangimento, suas caras egocêntricas, etnocêntricas.

Isso não pode ser esquecido! precisamos olhar mais para as bases do mundo em que vivemos: para a apropriação ilegítima de territórios, para a exterminação de seres vivos que perduram através de agentes – todos eles, monstros, apoiando-se em proveito próprio – que pensam como aqueles que no passado partiram em pedaços o território dos africanos tentando destruir suas sociedades de culturas milenares. Não basta dizer do escravismo do período colonial que, dialeticamente, marca a história da África e a das Américas, ou da exploração instituída e regulamentada pelos europeus do continente africano na passagem do século XIX para o XX, mas também do período entre guerras, da colonização propriamente dita da África e da “descolonização” desse continente, da Guerra Fria, do estabelecimento de regimes totalitários e ditaduras na América Latina, no Oriente Médio. Tudo isso e muito mais já veio ocorrendo num processo continuado e crescente desde quando o “resto” do mundo era chamado de *Ultramar*, em nome da superioridade de uma tecnologia e economia geradas por um conhecimento que começou, e continua - hoje se vê –, amparando ideologias que levam à destruição da vida na Terra e da maioria de seus habitantes. Pois este estado de coisas nos revém agora através de um fascismo adormecido trazido por ondas golpistas que emergiram a partir de 2016, culminando na derrota da boa fé com as eleições de 2018. É certo que não se pode ficar pensando que

equivalências diacrônicas entre culturas e sociedades venham a sublimar tudo a se recuperar do que tentam abafar ou adulterar aspirantes a vencedores. Mas vivemos e ouvimos estórias do mesmo tipo que estes, os aspirantes a vencedores – não serão! – contaram e contam para substituir a vontade e voz dos que eles quiseram e querem ter como vencidos. O estabelecimento de equivalências, porém, pode servir para olharmos para trás antes de seguirmos adiante – meio como o que diz o pássaro sankofa dos ashanti, de Gana.

Ao se falar dos bakuba e do que aqui Jan Vansina traz de sua vivência entre eles, não podemos esquecer tampouco de uma parte da história latino-americana, de infração dos direitos humanos em favor dos empreendimentos europeus e norte-americanos, como já nos anos 1870, durante o ciclo da borracha do século XIX até o início do século XX; das bases de produção e trabalho de como isso se deu no continente africano e na Amazônia – como denunciou ao mundo Roger Casement e documentado por Edmund Morel sob contexto de igual brutalidade no Estado Livre do Congo sob a égide de Leopoldo II (ver MOREL, 1904).

Então, falar-se dos bakuba é, também, falar-se disto: de genocídio, de política de fome e miséria, de poder e posse pela força que imperam no mundo contemporâneo, nos tempos de hoje, ainda. Em pleno segundo milênio, e diante, atrás e pelo redor de nossos sentidos atônitos – que sejam eles também argutos –, se não há mais varíola e todo tipo de peste sanitária que, nos atuais territórios da República Democrática do Congo e da chamada “África negra”, foram instaladas com o imperialismo colonial, vimos a chegada da covid-19 que mata aos montes, no Brasil desproporcionalmente apesar dos alertas de países previamente atingidos. Hoje não se ouve mais falar de ou sobre *situação colonial* (na acepção de BALANDIER, 2001) mas do “fato colonial” apenas, como que distante.

Voltando à Vansina, imaginem só o que ele viveu com os africanos, e em várias circunstâncias como eles, num lugar assim como o Reino Kuba entre 1952 e 1960, dentro de um território que um dia, de então tomado pela crueldade típica de hoje, passou a ter a delimitação geográfica arbitrária sem alvedrio dos povos locais, o Estado Livre do Congo (1877-1908). E, no período em que lá esteve, esse território, compreendendo o Reino, estava dentro de outro, o Congo Belga (1908-1960), que, em seguida, foi nomeado República do Congo, a partir da independência (1960-1971), e depois Zaïre, sob a ditadura de Mobutu (1971-1997), voltando a ser chamado como é até hoje República Democrática do Congo. Nessa perspectiva, nos deixou uma extensa, profunda e especial etnografia das sociedades congolezas, fazendo de suas longas estadias entre elas a substância pela qual nele se desenvolveu a alquimia que muitos almejam sem raro alcançar. Disto, certamente advém a pérola resultante de uma vida contorcida até se depurar em pura luminosidade refletida nesta sua última entrevista a Vanhee, que se segue por nós publicada em português.

2. ““Este cara se tornou um completo selvagem” - uma última entrevista com Jan Vansina”⁴, por Hein Vanhee. ⁵ Tradução com notas adicionais.

2.1. Introdução

Nesta entrevista, o Professor Jan Vansina relembra os primeiros anos de sua rica carreira acadêmica como historiador de África e, mais especificamente, de sua pesquisa de campo entre os povos Kuba da República Democrática do Congo. Aprender sua língua e participar da iniciação dos meninos permitiu que ele se tornasse um observador participante profundamente envolvido. Ele trabalhou nos temas antropológicos da época e, mais importante, também coletou material oral para uma historiografia inovadora que, mais tarde, inspiraria centenas de estudantes e pesquisadores. Cegados pelo preconceito cultural, missionários e administradores coloniais não entendiam o que ele estava fazendo, e o viam como um caso perdido, mas o povo Kuba passou a aceitá-lo em todo o seu território. Como pesquisador júnior, Vansina fora enviada para o Reino Kuba devido à grande reputação de sua arte no Ocidente. Ele descobriu que essa mesma reputação desempenhou um papel crucial na sobrevivência do reino, em particular após seu encontro inicial com o terror do Estado Livre do Congo, de Rei Leopoldo II. Os reis Kuba aprenderam a lidar com a realidade do Congo Belga, usando sua reverenciada arte para uma diplomacia inteligente e dobrando o modelo de *indirect rule* em seu próprio benefício. ⁶

Esta entrevista se deu na casa do professor Jan Vansina, em Madison, Wisconsin (EUA), entre os dias 12 e 13 de maio de 2016. Meu principal propósito era de com ela gravar as impressões de Vansina sobre as suas pesquisas acerca da história do povo kuba da República Democrática do Congo (RDC).

A gravação seria utilizada em uma das novas alas do renovado Museu Real da África Central, em Tervuren, Bélgica. ⁷ A ala, intitulada “rituais e cerimônias” têm vitrines onde são exibidos objetos da realeza kuba, para ilustrar uma narrativa mais ampla sobre os diversos modos de liderança na África Central. Ali eu quis incluir a história da pesquisa de campo de Jan Vansina, realizada na década de 1950, entre o povo kuba no então Congo Belga. Isto daria uma

⁴ Entrevista originalmente publicada em inglês, sob o título ““This Guy has become a Complete Savage”— A Last Interview with Jan Vansina”, na revista *African Studies Quarterly* - v. 18, n. 2, p. 01-16, 2019. Disponível em: <http://asq.africa.ufl.edu/v18i2_vansina/>.

⁵ Hein Vanhee: É historiador e curador do Musée Royal de l’Afrique Centrale (MRAC) em Tervuren, Bélgica. Seus interesses de pesquisa incluem a história da África Central e suas diásporas, colonialismo, cultura material e arte, e patrimônio cultural.

⁶ NOTA DE TRADUÇÃO: Este primeiro parágrafo corresponde ao resumo da entrevista feita pelo autor.

⁷ O Musée Royal de l’Afrique Centrale, agora também chamado de Africa Museum, reabriu em 8 de dezembro de 2018. Para visitas e mais informações, acessar: www.africamuseum.be.

ideia aos visitantes de como o conhecimento antropológico e histórico é produzido. Inspirado pelo livro *Being Colonized* (2010), eu também quis transmitir a dimensão da importância que a arte teve para a sobrevivência do Reino Kuba sob o *indirect rule* belga.⁸

Esta entrevista foi feita em três sessões, como combinado de antemão, de modo a não exaurir o professor Vansina, que, naquele momento, já sofria de uma doença terminal.⁹ Ele havia acabado de tornar pública sua condição, em um artigo intitulado “De Vita Sua” publicado no periódico *Society* (VANSINA, 2016) - ele me emprestou sua cópia da edição para que eu pudesse ler o artigo durante a noite. O artigo contém uma autoavaliação de sua trajetória como acadêmico, além da defesa apaixonada de uma verdadeira *história africana*, escrita e acessível a todos os *africanos*. Histórias são importantes pelo papel que elas têm em manter ou até mesmo criar identidades coletivas, dando, conseqüentemente, suporte à autoestima e à autoconfiança individual e coletiva. Este artigo tem um sentimento melancólico distinto decorrente de uma paixão contínua por uma nobre causa, pela qual as suas próprias batalhas tinham sido travadas até agora, e uma indagação aparentemente inescapável sobre como as pessoas iriam olhar para ele, o historiador.

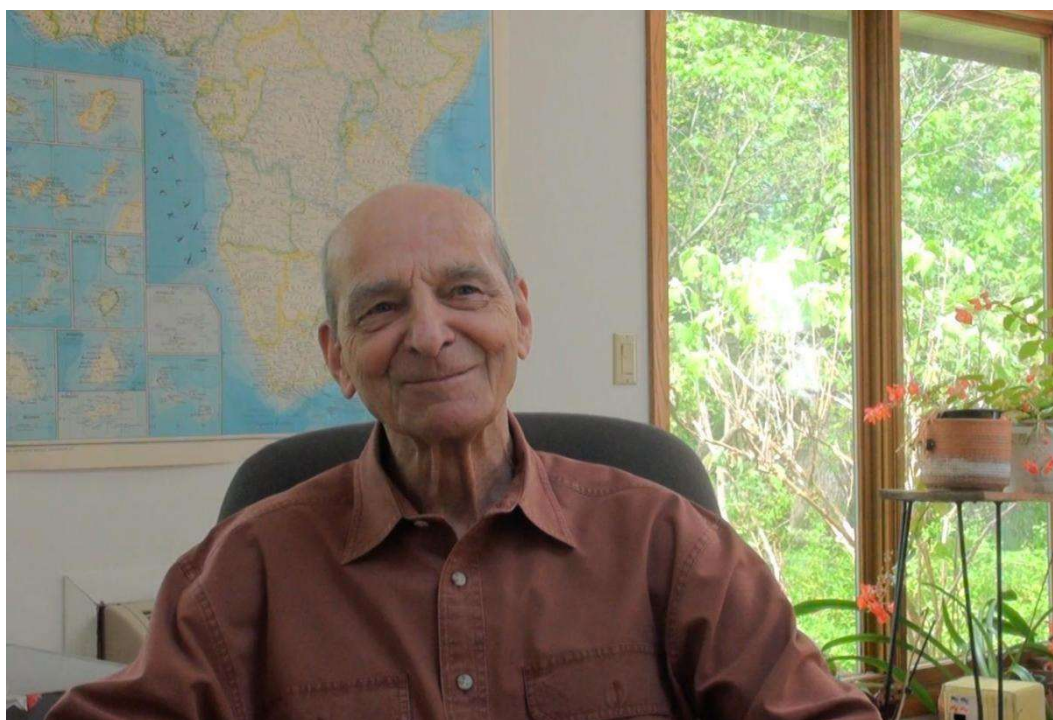


Figura 1: O professor Jan Vansina em sua casa. Madison, Wisconsin, EUA. (Imagem feita em um dos dias da entrevista, maio de 2016)

⁸ NOTA DE TRADUÇÃO: O “governo indireto” foi um modelo britânico de administração colonial que usava das estruturas de poder tradicionais para assegurar seu controle sobre os territórios ocupados. Foi implantado pelo Rei Leopoldo II no Estado Livre do Congo, ocupado como sua propriedade particular entre 1885 e 1908, quando foi anexado como colônia, à Bélgica.

⁹ NOTA DE TRADUÇÃO: Vansina faleceu depois de um câncer advindo em 2015, como diz Vanhee mais adiante, 9 meses após conceder esta entrevista.

Eu já havia encontrado o professor Vansina anteriormente, quando ele visitou a Bélgica em 2001 e proferiu conferências em algumas universidades; nós nos correspondíamos com frequência para falarmos de arquivos, coleções e pesquisas. Em 2010, Vansina doou seu arquivo de pesquisa para o Musée Real de l’Afrique Centrale. O arquivo continha os diários de campo originais que documentam sua pesquisa entre os bakuba realizada, de forma intermitente, entre janeiro de 1953 e julho de 1956, bem como a que realizou entre os tio¹⁰, de outubro de 1963 a abril de 1964. Além disto, o arquivo contém uma série de relatos orais, que ele coletou em Ruanda (conhecidos como *ibitéekerezo*) e no Burundi. Encontram-se no arquivo, também, caixas com mais anotações de pesquisa, rascunhos, vocabulários e cópias de artigos. A motivação por trás da escolha de Vansina era clara e simples: em “Tervuren” (MRAC), seus arquivos estariam seguros e mais facilmente acessíveis aos pesquisadores congolese, ruandese e burundese.

Eu aproveitei a recepção calorosa que tive na casa de Jan Vansina e de sua esposa Claudine. Havia trazido uma grande garrafa de cerveja belga Trappist escura, de uma marca que não imaginava poder encontrar em nenhuma loja de Madison (perdi minha conexão no aeroporto de Heathrow, em Londres, porque demorou um bocadinho para a equipe de segurança do aeroporto se certificar que aquilo, na garrafa, não corria o risco de explodir). Depois de nossa primeira sessão de entrevista, nós passamos um prazeroso momento juntos na sala de estar, com Claudine, o filho deles Bruno, e a professora Florence Bernault que apareceu por ocasião de minha entrevista. Nós conversamos em francês, inglês e holandês, mudando de uma língua para outra sem quase perceber, trocando anedotas e rindo. Jan Vansina disse que eu definitivamente precisava visitar a biblioteca de consulta pública da universidade, que ele elogiou pelo tratamento dado aos pesquisadores. Eu me lembro da estranha sensação de me sentir realmente honrado por ser convidado de alguém por quem eu tinha tanta admiração, enquanto, ao mesmo tempo, sentia-me confortável, como se estivesse em casa.

Nós passamos horas em sua biblioteca no térreo, onde gravei a entrevista. Parecia um santuário, local onde tantas grandes ideias haviam nascido, lugar onde tantos artigos e livros haviam sido escritos. Com amplas janelas que permitem a entrada de uma grande quantidade de luz, o escritório é lotado de plantas de vários tipos e tamanhos, fazendo com que lembre uma estufa. Há um grande mapa da África pendurado na parede, no qual se destaca a cidade de Mweka nele, onde a administração colonial montou seu posto administrativo dentro dos territórios kuba. Explicando as estantes vazias, Vansina me contou que ele havia doado a maior parte de sua biblioteca pessoal para a Universidade de Wisconsin-Madison. Ele continuou dando

os livros novos, como se estivesse partindo para um destino onde ele não pudesse levar consigo senão apenas uma pequena maleta. Aceitei, de forma relutante, o “excelente livro” de Jelmer Vos sobre o antigo Reino do Kongo. Teria eu uma cópia do “fabuloso” livro de Nancy Hunt, “A nervous state”? - perguntou ele. “Oh não”, ele mudou de ideia, “este não; tem uma dedicatória nele”.

Minhas lembranças dos dois dias que passei entrevistando Jan Vansina serão sempre dominadas pela imagem de seu puro prazer em relatar sua primeira pesquisa de campo entre os bakuba. O modo como, inicialmente, as pessoas responderam à sua presença, a incompreensão dos oficiais coloniais sobre o que ele estava fazendo, sua aceitação final entre os bakuba após ele ter passado pela iniciação: as histórias lhe enchiam de uma visível alegria e nostalgia. Com seus 20 e poucos anos, ele era o pesquisador rebelde que ficou do lado dos bakuba contra os arrogantes e ignorantes burocratas coloniais, e isso ainda lhe dava muita satisfação.

No fim de nossa última conversa, quase que como impulsionado por uma reflexão tardia, mostrei a ele, em meu notebook, uma seleção de objetos de arte Kuba que estariam em exposição na nova ala na qual eu trabalhava. Como estava acostumado ao fato de que historiadores africanistas raramente se interessavam por arte africana e cultura material, comecei a explicar sobre os itens a Vansina. Ele rapidamente assumiu controle da situação e me instruiu sobre detalhes iconográficos e materiais utilizados nas peças, acerca dos quais eu não tinha ideia. Eu apenas concordei. Depois sentamos do lado de fora, esperando por meu táxi. Quando ficou evidente que meu táxi estava atrasado, ele decidiu: “venha, você não irá esperar mais; te levarei ao hotel”. Apressando-se pelo corredor, ele jogou um casaco em cima dos ombros, e, com um sorriso infantil, pegou um boné de baseball onde estava escrito “Angola”. Ele riu: “ganhei de um aluno de doutorado!”. Pisando firme nos pedais e manuseando o volante de forma frenética, ele me levou ao hotel em seu sedã vermelho brilhante, explicando-me, no caminho, o plano urbano do centro de Madison e tudo que dele lhe parecia importante me mostrar no decorrer do trajeto.

O professor Jan Vansina faleceu, tranquilamente, no dia 8 de fevereiro de 2017, em Madison, aos 87 anos. A nota de falecimento, distribuída em seu sepultamento, na Bélgica, o identificava como um “antropólogo histórico”. Refletindo valores altamente estimados por sua família na Bélgica, o texto celebrou seu senso de dever, seu profissionalismo e sua honestidade: “ele recebeu as mais altas honrarias em seu campo de trabalho, mas sempre permaneceu uma pessoa muito amável”.

2.2. A entrevista

¹⁰ NOTA DE TRADUÇÃO: Por tio também são chamados os bateke que fundaram, ao norte do Reino do Kongo, no século XVII, o Reino Tyo, que dá nome, da mesma forma, a outros povos ligados aos bateke, mas a eles

Hein Vanhee: Como foi começar a fazer pesquisa de campo entre os bakuba nos anos 1950, no que então era o Congo Belga?

Jan Vansina: No início da década de 1950, não era comum haver belgas fazendo pesquisa de campo. A razão disto era pelo fato de que antropologia não era ensinada em nenhuma universidade belga, era uma disciplina desconhecida. Pesquisa de campo era algo totalmente desconhecido. Na verdade, antes de eu partir para ela, tinha-se notícia de apenas dois outros pesquisadores belgas que haviam feito pesquisa de campo - Maquet e Biebuyck¹¹, ambos antropólogos, ligados à mesma instituição que eu. Portanto, era uma prática nova.

O que fez minha pesquisa de campo diferente foi o fato de eu ter ido viver em uma pequena cidade, por minha própria conta, e não costumava sair dela. Eu não tinha o hábito de ir à Mweka, um dos postos coloniais neste distrito, o mais importante deles, o central. Lá, todos os europeus iam aos finais de semana - no mínimo, se não mais frequentemente, para beber, assistir filmes e coisas do gênero -, e eles não me viam lá!

HV: Esta cidade ficava a que distância do local onde você estava vivendo?

JV: Ah, era por volta de 80 quilômetros, 80 a 85 km. Os únicos europeus nas proximidades ficavam na sede da missão. Havia também um administrador, que estava alocado ali para supervisionar todo o Reino Kuba, uma área muito grande em termos administrativos. Ele era diferente de todos os outros administradores - também não ia a Mweka, mas era muito preocupado quanto ao desenvolvimento daquela chefia.¹²

Então, eu aprendi muito. Aprendi que eu tinha de cuidar de minha saúde. Eu não podia comer todas as coisas que os bakuba comiam, eu tinha de consumir outras comidas também. Mas nós nos adaptamos até que facilmente. Eu não estava integrado a uma família ou outra, como acontece às vezes na pesquisa de campo. Não. Permaneci separado, em uma *gite d'étape* europeia abandonada, que era como um albergue para transeuntes. Mas eu conversava com todos. Assim, todos os bakuba na corte logo passaram a me considerar um pupilo, alguém que estava lá pra aprender. E isso era bom para mim, porque era justamente isto o que eu era! E,

principalmente, hegemônicos e derivados deste reino.

¹¹ NOTA DE TRADUÇÃO: Daniel Biebuyck é uma das maiores referências sobre os balega e wabembe, enquanto Jacques Maquet sobre populações de Ruanda, cobrindo junto com Jan Vansina do leste ao centro do então chamado Congo Belga e Ruanda-Urundi, produzindo uma documentação antropológica, importante e crítica ao longo da década antes da independência.

¹² Este administrador era René Schillings (VANSINA, 1994, p. 260).

então, nossa relação, de forma geral, bastante tranquila. Não houve qualquer dificuldade em particular.

Com europeus não houve tantas dificuldades assim. Eles sabiam que eu estava lá, ao menos os administradores sabiam, e, quando eu ia a Mweka, eles não sabiam como falar comigo, ou sobre o que falar comigo. De qualquer forma, metade das vezes que eu fui a Mweka foi porque eu estava tão doente que precisava ver um médico. Eventualmente, os administradores chefes perceberam que eu poderia ser útil a eles, isto porque as coisas que eu estava coletando eram úteis também para a administração deles.

HV: Como foi originalmente decidido que você iria para os bakuba? Foi porque pensaram que você seria útil?

JV: Decidiram que eu iria ao território kuba quase um ano antes de eu partir. A decisão foi tomada pelo conselho do instituto para o qual eu trabalhei, o *Institut de Recherche Scientifique en Afrique Centrale* (IRSAC). Na prática, isso foi decidido pelo diretor do Museu, em Tervuren. O diretor do Museu de Tervuren, Frans Olbrechts, queria enviar alguém para fazer pesquisa de campo naquela área, que era conhecida por seus objetos e por sua arte. Ele não conseguiu pegar ninguém de história da arte para fazer isto, então me enviou, como antropólogo, após eu passar por um período de treinamento em Londres. Esta foi a razão pela qual eu fui enviado.

Agora, os administradores... Não fui com cartas de apresentação, pelo menos não muitas. Todas as coisas que eram normalmente feitas, como visitar os administradores, visitar este, visitar aquele, nada disso ocorreu no meu caso, e isto tornou ainda mais questionável o propósito de eu estar lá! Então, quando os administradores descobriram o quanto era útil a eles o que eu estava fazendo lá, eles me aceitaram. Na verdade, testaram-me um pouco, procurando ver se conseguiam me dar ordens. O Instituto, no entanto, estava totalmente alijado da administração colonial no Congo. Ele não tinha nenhuma ligação com a administração colonial, e isso significava que eu era completamente independente.

Depois de aproximadamente seis meses, tudo entrou mais ou menos no ritmo, e os administradores perceberam que... bem: - eles tinham uma pessoa estranha em algum lugar no meio do mato, “que estava se tornando um nativo”, mas que não estava incomodando ninguém. Os missionários católicos também já haviam mais ou menos aceitado meu jeito, e vice versa, é claro. O administrador na capital dos bakuba - onde eu estava - entendeu o que eu estava fazendo, e eu... - eu estava me dando muito bem com ele, para dizer a verdade.

O ponto de inflexão veio quando os bakuba pediram para eu ir passar pela iniciação com eles. Isso significou que eu seria iniciado, o que, para as missões, tanto católica quanto protestante, era

a última das coisas que eu deveria fazer! Para os europeus em Mweka, isto significou que, sim, esse cara se tornou um completo selvagem... pessoas civilizadas não fazem coisas como essa! Mas os bakuba, após a iniciação, passaram a me aceitar em qualquer lugar de seu território. A informação de que eu havia passado pela iniciação se espalhou igual fogo na palha.



Figura 2: *Les garçons liés par la fibre de raphia* (Os meninos iniciandos unidos pela fibra de ráfia). Mapey, Província do Kasai, RDC. Fotografia desconhecida, outubro de 1953.¹³

HV: Isto foi uma questão de preconceito racial ou foi medo?

JV: Bem, havia dois fatores. Preconceito racial – lembre-se, isto não é muito após a guerra – não era uma questão muito proeminente. Mas preconceito cultural, isto era um problema! Veja, todos estes europeus foram convencidos de que eles eram civilizados. Eles nunca haviam refletido sobre serem ou não civilizados antes de chegarem ao Congo. Uma vez lá, começavam a pensar que seu modo de vida, claro, era infinitamente superior, apesar deles não conseguirem realmente argumentar sobre isto. Mas era um sentimento vigente. Então, ir a uma escola - porque é isto que

¹³ Arquivos de Jan Vansina, MRAC, Tervuren, HA.01.0331. Essa fotografia mostra Jan Vansina participando da iniciação de meninos dos Kuba, na vila de de Mapey, em 1953.

a iniciação realmente é –, como que para aprender um modo de vida na cabeça deles inferior, significava que você era um caso completamente perdido.

HV: Como, inicialmente, os bakuba reagiram às perguntas que você estava fazendo?

JV: Bem, a primeira coisa que os bakuba fizeram foi descobrir como me classificar. Eu não era um missionário, eu não era um administrador e também não era um comerciante. Então, o que eu era? Em sua capital, eles tinham resposta para isso, mas em outros lugares, você sabe, havia uma quarta categoria de europeus que... não faz o menor sentido.¹⁴ Portanto, enquanto eles não te machuquem, você apenas os deixa em paz, e se conseguir se beneficiar de alguma forma, beneficie-se um pouco, e é isso.

Na capital, eles eram mais avançados, porque lá havia muitos visitantes estrangeiros. Aquele era um reino famoso, sabia-se dele desde a década de 1880. Havia tido visitantes, incluindo dois antropólogos, muito reconhecidos internacionalmente, e que trabalharam por lá um par de meses em cada visita. Um deles chamava-se Emil Torday.¹⁵ Emil Torday não ficou muito tempo no Reino Kuba, por volta de um mês, mas tomou uma quantidade enorme de informação. Ele publicou tudo isso, e, com apoio do Museu Britânico, introduziu a noção de que havia arte africana, que a arte kuba era arte!

Assim, o Reino se tornou muito conhecido. Agora, isto foi importante desde o começo, porque significou que o famoso reino seria incluído no roteiro dos cônsules britânicos que vieram ver como a Bélgica estava assumindo o mandato do Estado Livre do Congo.¹⁶ Então, após 1908, os bakuba foram excepcionalmente bem tratados ou deixados em paz.

Seja como for, eles, na Corte, perceberam a importância dessas visitas, e viram a repercussão que Torday causou. E ele não foi o único. A partir da década de 1920, eles passaram a receber visitantes muito ilustres. Não há membro da família real belga que não tenha ido aos bakuba diversas vezes. A última visita antes da minha foi a do príncipe Charles, em 1947.¹⁷ E, depois disso, o rei Balduino¹⁸, que os visitou duas vezes. Ele teve dois contatos com os bakuba durante os anos 1950, e outro, ainda no início dos anos 1960.¹⁹ Portanto, os bakuba conheciam muito bem o mundo exterior. Descobri nos documentos do Rei, trinta anos depois de sua morte, quando

¹⁴ NOTA DE TRADUÇÃO: “make no sense” no original.

¹⁵ O etnógrafo húngaro Emil Torday visitou os bakuba em 1908, pouco tempo depois do etnógrafo alemão Leo Frobenius, que esteve lá em 1905 (VANSINA, 2010).

¹⁶ O Estado Livre do Congo foi assumido pela Bélgica em 15 de novembro de 1908, quando então se tornou a colônia do Congo Belga.

¹⁷ Príncipe Charles da Bélgica (1903 - 1983) liderou a monarquia belga como regente de 1944 a 1950, e visitou o Congo em julho de 1947.

¹⁸ NOTA DE TRADUÇÃO: O rei Balduino, da Bélgica, reinou entre 1951 e 1993.

esses documentos chegaram aqui, que ele havia recebido correspondência da Califórnia, da África do Sul, de modo que a própria corte estava muito bem informada sobre tudo.²⁰

HV: Isto teve impacto em seu trabalho?

JV: Teve um impacto, porque o pessoal local era propenso a confundir o tipo de antropologia que eu estava fazendo com fotografia - porque um fotógrafo muito famoso havia estado lá em 1947 - ou, majoritariamente, nos anos 1950, com compra de objetos para galerias e para o comércio de obras de arte.²¹ Havia comerciantes por perto durante todo o período que estive lá. Eles não permaneciam por muito tempo, mas eram pessoas com dinheiro, e eles podiam gastá-lo ou não, esta era uma preocupação dos aldeões em todas as partes. Mas, de outra forma, minha ligação com o centro das coisas, com a capital, e com o rei, era, em sua maior parte, condicionada pelos visitantes de importância política que eles haviam tido antes. Eles não sabiam se eu era alguém de importância política ou não. Eu pensei que não fosse. Naquela época eu nem refletia sobre esta questão. Parece que eles pensaram que, bem, eu era inofensivo. Então, uma vez que a iniciação aconteceu, eles perceberam que eu estava completamente do lado deles em qualquer questão cultural, toda a relação se alterou. Quero dizer, depois disso eu não estava atrelado mais a nenhum outro tipo de europeu, eu estava, você sabe, acima. Foram me atribuídos muitos nomes Kuba, e eu era um destes nomes, e isso é tudo.

¹⁹ Antes da declaração de independência congoleza, o rei Balduíno (1930-1993) visitou o Congo em maio de 1955 e em dezembro de 1959.

²⁰ NOTA DE TRADUÇÃO: aqui Vansina refere-se provavelmente aos papéis encontrados e recolhidos por Jacques Hyman (San Francisco State University) em 1970, no chão de uma casa europeia abandonada em Mushenge, capital do Reino Kuba. Depois de sua morte eles foram doados pela viúva à biblioteca da University of Wisconsin–Madison (ver VANSINA, 2003).

²¹ O fotógrafo famoso era Eliot Elisofon, que visitou Nsheng em janeiro de 1947. Suas fotografias estão no Eliot Elisofon Photographic Archives do National Museum of African Art, em Washington, D.C.



Figura 3: *L'aîné et le cadet des initiés. Le cadet est paangl, le chef des initiés* (o mais velho e o mais novo dos iniciados. O mais jovem é paangl, o líder dos iniciados). Mapey, Província do Kasai, República Democrática do Congo. Fotografia desconhecido. Outubro de 1953.²²

HV: Você mencionou que os Kuba te viram como um estudante da cultura deles. Isso significa que eles decidiram o que você poderia saber sobre eles?

JV: Em certas áreas, sim. No meu último dia nos territórios Kuba, em 1956, isto é, após mais de dois anos estando lá, alguns dos principais anciões da corte disseram “Poxa! você está partindo, justo agora que nós estávamos pensando em te contar os segredos, em iniciá-lo nos segredos que você tem de saber!”, mas havia um pouco de arrogância naquilo. Essencialmente, na maioria dos pontos, eles me deixaram fazer o que eu queria. Eu fiz perguntas, eles me deram respostas, e, algumas vezes, eles, posteriormente, me vieram com mais respostas. O instituto para o qual eu estava trabalhando tinha muito financiamento, o que significou que eu podia ter, e eu tive, alguns assistentes. Eu treinei estes assistentes e alguns deles acabaram por se revelarem bastante talentosos. Então, eu pude fazer coisas como coletar sonhos. Sonhos são importantes para os bakuba. Os assistentes iriam documentá-los em sua própria língua e trazê-los para mim. Eu tive um ou dois assistentes que eram de pura fofoca, como um rádio diário - o que está acontecendo? Mais tarde isso se tornou um material muito rico, para todo tipo de coisa. Quando eu queria

²² Arquivos de Jan Vansina, MRAC, Tervuren, HA.01.0331.

indagar sobre pontos específicos, eu podia mandar um dos assistentes dar uma volta e eles perguntariam às pessoas que responderiam. Eles poderiam também acompanhar sessões da corte, pois então quando questões aparecessem nos tribunais, eu saberia sobre elas. Mas você veja, na Corte isso não era considerado conhecimento especial, isso não valia maior atenção por parte deles.

Quando o assunto era história, especialmente história pré-colonial, que era justificativa da própria política, é que eles eram muito cuidadosos a respeito! Quem eu vi, quem eu não vi, com quem eu poderia falar... Eu me beneficieei de certa rebelião contra a visão central em outras chefias, ou até mesmo na própria capital, onde algumas pessoas simplesmente não concordavam com o controle que a Corte tinha sobre eles, controle este que visitantes ocasionais não notariam. A Missão Católica, por exemplo, nunca percebeu quanto controle era exercido sobre os habitantes da capital que não eram diretamente membros da realeza. Eles nunca ouviram falar sobre isso, pelo menos. Então, com essas vozes dissidentes, junto com outras vozes, não havia muito que escapasse de fato.

Depois que eu parti, coisa de 10 anos mais tarde, algo assim, acabei sendo considerado, nos territórios Kuba - como continuo sendo até hoje -, a pessoa que sabia tudo! “ele sabe tudo, mas ele não está sempre contando tudo, ele não conta nossos segredos”, as pessoas diriam, ou “ele sabe tudo, mas ele não publica tudo!”. Então, você sabe, é assim que a imagem de alguém pode se desenvolver nas mentes das pessoas com as quais está trabalhando.

HV: É quase como se as pessoas, de certo modo, o vissem como um ancião kuba.

JV: Sim, claro. Eu não era alguém que veio para se divertir e depois ir embora, alguém do qual as pessoas nunca mais ouviriam falar, não.

HV: Como outros europeus reagiram ao fato de você ter ficado mais próximo dos bakuba do que qualquer outro entre eles?

JV: Bem, europeus me viam de forma distinta de acordo com o local onde estavam. Essencialmente, eram dois grupos principais. Um deles consistia no grupo de europeus que conheciam bem os bakuba. Na verdade, havia apenas um deles, um administrador que conhecia os bakuba muito bem. Havia uns poucos missionários que estavam acostumados com eles, mas que não os conhecia bem. O administrador os conhecia bem não só porque vivia na capital, mas também porque estava constantemente ocupado com casos dos bakuba. Ele era responsável pela gestão, pelo funcionamento do reino como um conselheiro do rei, e ele levava isso muito a sério.

Suas visões políticas eram completamente diferentes das usuais na Bélgica naquele tempo. Sua opinião era de que os bakuba tinham uma religião e uma civilização que pareciam servi-los muito bem, que alguns aspectos precisavam ser adaptados às condições modernas de vida, você sabe, como estradas de ferro, impostos, coisas como estas, mas outros não precisavam. Por exemplo, não havia dúvidas que ele sempre pediria ao governo, ou faria ele mesmo, perseguições a seitas ou movimentos religiosos de qualquer tipo. Ele acreditava que havia uma religião kuba e que eles aderiam a ela mais fielmente do que europeus a suas religiões. Isso era algo totalmente novo nos anos 1950 para estes círculos. Ele também pensava que existia perigo dos bakuba serem explorados por comerciantes ambiciosos de todos os tipos. Então, ele pressionou para que regras fossem impostas, por exemplo, na venda de objetos de arte, entre outras coisas, criando uma cooperativa e impondo regras cooperativas que, é claro, eram odiadas na ferrovia onde todos esses objetos eram vendidos. Mas ele era *sui generis*, dono de si, e nada mais.

Outros europeus não entendiam o que eu estava fazendo. A primeira ideia deles era que aquilo era dinheiro de impostos sendo gasto. Mas quando eu lhes contava de onde o dinheiro vinha, do instituto com o qual eu trabalhava, eles entendiam que não era dinheiro dos impostos, ou dinheiro de impostos belgas. No máximo era dinheiro de impostos congolese. Além disso, a maioria deles escapavam de impostos de qualquer maneira, era tudo o que eu tinha para argumentar. No todo, europeus se viam tão mais civilizados que os congolese, que eles não podiam entender.

Os europeus não perceberam que já naquele tempo, no início da década de 1950, alguns congolese locais, na verdade, mukuba que haviam estudado, estavam discutindo a independência. Eles estavam discutindo se a independência seria uma boa ou má coisa, se ela deveria acontecer logo ou não, e havia argumentos circulando, você sabe, entre aquela pequena intelectualidade. Mas isso foi no tempo em que nem um único europeu no território entendia coisa alguma. Uma vez, por curiosidade, eu trouxe esse assunto à tona no bar principal, e a questão foi saber o que eles pensavam sobre a Libéria e Serra Leoa, especialmente sobre a Libéria. “Liberia é uma república independente”, eu disse, “é uma república negra independente. Você não acha que, bem, você sabe... quais são suas conclusões sobre isso?” e o que eu obtive como resposta foi uma lista de horrores impossíveis, de navios belgas atracando em Monróvia e todas as coisas que estavam erradas com os negros! E quando você falava de pessoas negras que haviam ido a escolas e universidades, você sabe, esse era o tipo mais impossível de pessoa, porque, como eles acreditavam, eles tinham herdado todas as coisas ruins de um, e todas as coisas ruins do outro. Em outras palavras, isso era preconceito deprimente!

Quando eu voltei para a Bélgica, comecei a ouvir o que todas essas pessoas estiveram escrevendo para seus amigos, e o que a opinião havia se tornado. A opinião na Bélgica era de

que eu vivia em árvores, e que eu comi comida selvagem, e, você sabe, eles não estavam certos de se isso incluía morcegos ou não... em outras palavras, eu estava me tornando tão exótico quanto as demais coisas que eles estavam contando sobre o Congo. Era uma estória deprimente. Mas isso não era, de minha parte, algo com que se preocupar. Para mim a questão era o que eu podia fazer no território kuba, como eu poderia trazer, para a Bélgica e para a Europa, uma história significativa, uma ideia de como a visão de mundo kuba era, como eles enxergavam os tempos contemporâneos, e que isso era tudo muito diferente do que estava acontecendo na Europa. Eu também estava um pouco afastado da antropologia, porque eu estava reivindicando que história era importante, e, naquele tempo, antropólogos consideravam o presente como importante. Eles ansiavam por comparações mundiais para criar leis que eram importantes, aí então eu venho com dados sobre os bakuba que mostravam que havia, de fato, muitas diferenças, mas também muitas similaridades. Quando você olha para isso posteriormente, você encontra dinâmicas que, de forma alguma, deixam de ser familiares. Então, mesmo décadas depois, você podia encontrar alguns antropólogos me acusando de não ser um antropólogo, mas sim um historiador. Na Bélgica, todos estavam convencidos de que eu *não* era um historiador, incluindo as pessoas no meu próprio instituto. Eles estavam convencidos de que eu era um antropólogo porque eles me viam como um etnologista. Um etnologista significava um descritor de costumes e pensamentos estrangeiros, e isso se parecia mais ou menos com o que eu estava fazendo. Seria toda uma luta para eu fazer com que a universidade ocasionalmente reconhecesse que não, eu era um historiador.

HV: Posso voltar a uma observação anterior, onde você disse que oficiais coloniais pensaram que você poderia ser útil a eles. Como foi isso?

JV: Bem, parte do trabalho dos administradores no Congo, além de coletar impostos e manter a lei e a ordem, era o chamado “trabalho político”. O trabalho político foi projetado para supervisionar e arranjar, o quanto fosse possível, a direção da liderança africana em hierarquias inferiores, abaixo do nível do controle europeu. Na maior parte do Congo, isso não preocupava os líderes das vilas, que estavam muito abaixo na hierarquia, mas sim os que estavam logo acima deles, as menores categorias administrativas. Esses haviam indicado, ou, supostamente, haviam escolhido chefes convenientes à administração. Então, era a indicação desses chefes, a legitimidade deles perante as pessoas que eles comandavam e a dinâmica disso que interessava à administração colonial. Para o Reino Kuba, nos anos 1920, eles haviam codificado a coisa toda. Eles trabalharam 2 ou 3 anos nisso, para configurar as chefias, sub-chefias e tudo isso, e tudo foi

documentado no registro de arquivos em Mweka - o que significa que registros de arquivos podem ser importantes!

Eles estavam interessados numa revisão disto. Depois de 1945, a autoridade colonial do Kasai decidiu revisar toda a situação neste território em particular. Eles queriam fazer isso porque, em primeiro lugar, tinha havido reclamações de muitos outros territórios ao redor dele. O que eles não gostavam parecia vir desse “território com *indirect rule*”, onde o rei era mais importante que um administrador. Em segundo lugar, depois de 1947, depois da guerra, uma nova economia se formou. Localmente, o comércio de milho se tornou muito importante e era a principal fonte de renda para os colonos estrangeiros. Era uma situação intrincada e eles estavam revendo tudo isso. Então, o que poderia ser melhor que ter alguém que não era ligado a administração para juntar toda essa informação, como eu estava fazendo no curso normal dos assuntos, e para descobrir quais eram as tensões e o equilíbrio entre as várias forças políticas no reino? Mas eu não daria todos os meus resultados a eles. Havia informação confidencial e havia informação não-confidencial. Eu não me preocupava com o material não-confidencial. O verdadeiro material confidencial, você sabe, eu não compartilhava. Mas o que era confidencial para mim, normalmente também era do conhecimento do administrador local em Nsheng, portanto eu não tinha que me incomodar tanto com isso. Então, era isso que eles chamavam de útil.

As pessoas, dentro da administração, com as quais eu não convivia de jeito nenhum eram os especialistas agrícolas, que estavam em posição inferior a tudo naquele tempo, e os coletores de impostos. Não havia administradores que eram apenas coletores de impostos, eles sempre tinham múltiplas obrigações, mas existia um nível no qual alguns dos europeus estavam principalmente preocupados em coletar impostos, e, também, em requerer que as pessoas trabalhassem em coisas de interesse público. Eles tendiam a ter o pavio curto e não possuir entendimento nenhum sobre o que estava acontecendo, sobre quando era um bom período para demandar que as pessoas trabalhassem ou quando não era. Eles não tinham ideia alguma e eu simplesmente não convivia com nenhuma dessas pessoas!

HV: Em 2010 você publicou um livro notável sobre a experiência dos Kuba durante a colonização, intitulado *Being Colonized*. Nele, você explica como o Reino Kuba foi, primeiramente, seriamente impactado pelo estabelecimento do Estado Livre do Congo, mas, posteriormente, sobreviveu em parte por causa das políticas públicas particulares do Congo Belga. Quão único foi o caso dos Kuba?

JV: O Reino Kuba vivia de sua reputação. Quando os primeiros exploradores europeus chegaram de Angola e, depois, do Baixo Kasai, acreditava-se que o reino era muito forte

militarmente. O rei tendia a dizer “você pode ir até ali, e não além”, e quando europeus ou americanos ultrapassaram o limite imposto pelo rei, eles descobriram que não, eles não poderiam ter ido além. Havia uma verdadeira administração sobre um grande território, com vilas e distritos que obedeciam a uma administração central. Europeus não estavam acostumados a isso. E havia a reputação do exército, que, na realidade, não era nada de excepcional. Demorou um bom tempo para os europeus perceberem que poderia ser que o exército não fosse tão forte. Eles chegaram em 1885 e só em 1899 um dos militares percebeu que os Kuba não tinham armas. Então, como eles poderiam ter um exército poderoso, se eles não tinham armas?

É nesse ano que um jovem agente territorial belga, que tinha 21 ou 22 anos de idade e nada além da educação primária, decidiu, por conta própria, ir, com uma tropa de seus soldados e um aliado local, aos territórios Kuba para pilhar tudo que pudesse. Ele estava atrás de marfim, que era a medida do sucesso na carreira naquele tempo. Para sua grande surpresa, isso funcionou. Houve uma batalha em frente a capital, batalha esta que os Kuba obviamente perderam. Ele saqueou a capital por alguns dias, e, depois, ele teve de retornar, porque não era realmente seguro. Poucos meses depois, os aliados de outro agente territorial atacaram um dos subgrupos Kuba do sul e conseguiram fugir. E depois, no ano seguinte, a capital Kuba foi atacada novamente.²³

Então, naquele tempo, o reino colapsou, uma vez que a capital foi ocupada em duas ocasiões e, na segunda ocasião, o rei morreu, supostamente pouco tempo antes do ataque ocorrer. Os registros belgas dizem que ele morreu muito antes, que houve sacrifícios humanos e os belgas vieram salvar o povo. Todas as testemunhas orais que encontrei reivindicaram que o rei morreu durante ou após o ataque. De qualquer forma, independente do momento em que a morte ocorreu, não havia mais rei. Eles inicialmente indicaram um novo rei, mas o novo rei morreu. Então eles indicaram um outro rei, esse outro rei também morreu. Nós pensamos, com nossas mentes modernas - e ainda continuamos a acreditar nisso - que este foi o resultado de uma epidemia de caxumba que estava acontecendo.²⁴ Nós sabemos que havia uma epidemia. Os bakuba, é claro, acreditaram que isso ocorria em função de bruxaria, e, eventualmente, um destes efêmeros reis começou a atacar as supostas bruxas com feitiçaria estrangeira que veio de outra parte do Kasai. Para os bakuba, isso é importante.

O que os europeus viram foi que este novo rei deu um jeito de, primeiro, não morrer, e, segundo, reorganizar todo o reino e um período muito curto, de 2 ou 3 anos.

Recentemente, depois de eu ter publicado o livro, eu aprendi, através de outro arquivo, que, de fato, mesmo quando o reino quebrou, sua administração interna continuou a funcionar. Isso soa muito estranho: você não tem rei, você não tem governo no centro, mas continuam a existir

²³ Os eventos catastróficos de 1899-1900 são descritos em *Being Colonized* (VANSINA, 2010, p. 69-79).

²⁴ Em *Being Colonized* isto é atribuído à varíola (VANSINA, 2010, p. 75).

coletores de impostos saindo para coletar os impostos e os trazendo de volta para a casa. Que casa ninguém sabe. Nestas condições, 2 anos não é algo inacreditável para alguém estabelecer controle. Ele estabeleceu controle, mas depois descobriu que havia uma rebelião em parte do próprio reino, no interior dele. Isso é discutido no livro. Parte do reino, no sul, estava se rebelando contra o trabalho de estrangeiros. A rebelião estava direcionada contra a nova força de trabalho Luba que estava se tornando proeminente no sul e que estava trabalhando para europeus. Isso era o que os rebeldes estavam atrás, eles temiam que seriam expulsos demograficamente de parte do reino. Isto levou a uma rebelião em 1904, com, é claro, um feitiço que deveria ser superior a qualquer outro tipo de feitiço.

A rebelião foi suprimida e a ordem normal retornou. Agora, a ordem normal, em 1904 - 1905, não é o que você imaginaria. Não havia nenhuma administração territorial estabelecida na própria área, não. Não havia administrador algum que fizesse algo além de administrar. Mesmo no distrito, o único administrador em 1904 - 1905 era um oficial militar que estava designado para organizar um distrito e que apenas representava uma delegação do controle central em Luluabourg. Então, levou de 4 a 5 anos para montarem uma genuína administração, uma com arquivos e coisas do gênero, começando em 1905, logo após a rebelião. Depois estourou o período da borracha. A borracha no Kasai, e nos territórios Kuba, em particular, era uma das borrachas com melhor qualidade em todo o mundo. Então, claramente, a borracha era muito importante. E essa borracha era agora coletada para companhias concessionárias, o que era algo muito diferente do antigo regime econômico. De qualquer forma, a companhia concessionária arruinou o país de forma bem rápida. Isso aconteceu de forma tão rápida que depois de apenas 4 anos, em 1908 - 1909 - e com os Kuba sendo conhecidos internacionalmente - houve um caso celebrado em que um tribunal, por instigação dos missionários presbiterianos americanos, acusou coletores locais de borracha de pilharem o território e fazerem todo tipo de coisa que era ilegal. O governo perdeu o caso, apesar de isto ter sido no contexto da política geral de Leopoldo II.

Nos idos de 1910, o Estado Livre do Congo já havia acabado, e a colônia belga havia assumido. O que a maioria das pessoas não percebe é que o direito de propriedade da Bélgica sobre a colônia foi reconhecido sob a imposição de algumas condições por parte de todas as potências internacionais. Foram, na verdade, os relatórios dos cônsules britânicos de 1910 a 1913 que estabeleceram a validade internacional do mandato belga. Em 1913 - 14, não havia mais cônsules, simplesmente por causa da guerra mundial que os impedia. Então, esta questão estava diplomaticamente terminada. Porém significou que, nos anos em que houve cônsules - 1910, 1911, 1912 e 1913, eu acho -, eles vieram à capital Kuba. Existem relatórios muito bons feitos por eles, e os Kuba devem ter percebido que eles, por algum motivo, foram protegidos e havia outros que não só a Bélgica.

Se você adicionar a isso o fato que Torday colocou a arte kuba no mapa mundial, significa que, por volta de 1913, ao menos na Europa, os bakuba haviam adquirido, novamente, a reputação de ser um reino forte. Ele era considerado forte a partir de um ponto de vista político e tinha uma arte suprema. Arte kuba era classificada internacionalmente, por negociantes de arte e publicações especializadas, como a melhor arte de África de, mais ou menos, 1913 até 1925, algo assim. Este foi um período crucial para o estabelecimento deste tipo de reputação. E essa foi, claro, uma das razões pelas quais a família real da Bélgica estava tão atraída pelos bakuba. Eles gostavam de arte kuba. A arte kuba foi apreciada desde o começo porque o gosto europeu na era do *Art Nouveau* correspondia perfeitamente com o que os bakuba tinham para oferecer. Também, o fato de que a arte kuba consiste muito em objetos comuns²⁵, você sabe, se encaixou plenamente com as tendências europeias *avant garde* em voga por volta de 1900. Então, foi oportunidade!



Figura 4: Rei Mbop Mabinc maKyeen dos Kuba reunido com o rei Balduino da Bélgica. Kananga, Província do Kasai-Central, República Democrática do Congo. Fotografia por Henri Goldstein. 27 de dezembro de 1959. ²⁶

HV: Então o Reino Kuba, em parte, sobreviveu por causa de sua arte?

²⁵ NOTA DA TRADUÇÃO: “ordinary objects” no original; subentende a ideia de objetos “utilitários, do cotidiano”.

²⁶ Arquivos fotográficos, MRAC, Tervuren, HP.1960.4.42.

JV: Sim, de fato. Uma das coisas sobre artes em geral, ou arte naquele tempo, era que as classes mais altas na Europa ou na América estavam muito interessadas nelas. E a arte kuba já era internacional. Para dar-lhe um exemplo do quão distante o Reino Kuba era conhecido: em 1937-1938, havia dois filmes comerciais feitos em Nova Iorque sobre o Reino Kuba. Um era sobre a missão protestante e o outro apenas sobre a realeza e o reino. Estes filmes foram utilizados por um antropólogo americano que escreveu um livro generalista sobre antropologia política, uma pessoa chamada Lowie, ainda antes de 1940. Depois, se você olhar os bakuba bem de perto, o *indirect rule* no tempo da depressão, pode ser que você tenha dificuldade para conectar todos os pontos e ver que sim, de fato isso foi a mesma coisa. Mas o *indirect rule* funcionou, e foi um *indirect rule* genuíno, não foi um fantasioso como no Congo Oriental, onde você tinha outras chefias supostamente sob o *indirect rule*, mas não como este.

HV: *Indirect rule* significou que, dentro da estrutura do Congo Belga, foi permitido ao Reino Kuba ter sua própria vida e continuar a tocar seus assuntos.

JV: Sim. O grau de permissividade do qual eles podiam usufruir variou com o tempo. Antes da depressão, o grau era ótimo. Por exemplo, a justiça estava quase que completamente fora das mãos das autoridades belgas. Era inteiramente, na maior parte do tempo, um assunto interno. A partir do fim dos anos 1920, e, especialmente, durante a depressão, a administração central se tornou mais importante no Congo. Seus decretos tinham de ser levados em consideração, qualquer que fosse o tipo de regra existente. Apenas na aplicação destas regras que ainda havia alguma autonomia. Depois, após 1945, a administração central se tornou ainda mais forte. Em nome do desenvolvimento econômico e das reformas do plano decenal de 1949, várias medidas foram tomadas, o que fez com que os bakuba perdessem mais de sua autonomia. Mas, entre o início e a metade da década de 1950, o cotidiano ainda continuava muito sensível. Então, isso foi uma coisa real.

HV: Os bakuba aprenderam a viver com a situação colonial?

JV: Correto. Minha ideia é que isso começou cedo, com o rei Kot aFe. Ele iniciou em 1902, e depois, você sabe, ocorreu a rebelião, e, após a rebelião, ele voltou. Ele é a pessoa, então, que realmente planejou como lidar com os europeus. Ele ensinou os primeiros administradores a como trabalhar com ele. Essencialmente, isso funcionou, ao ponto de o último rei ser uma das forças mais potentes no Kasai *contra* a independência naquele tempo. Ele descobriu que o jeito

que as coisas estavam funcionando muito bem para ele, enquanto um Congo independente dependeria muito mais de eleições. Liderança advinda de eleições era muito insegura, em sua forma de pensar.

HV: Seu trabalho sobre os bakuba é apreciado principalmente pelo uso crítico que você faz das tradições orais. Quão difícil foi para convencer as pessoas de sua validade como fontes para se escrever história?

JV: Tradição oral e história oral existem desde sempre, mas elas não eram vistas como confiáveis por historiadores. Historiadores da Europa ou da China, para esta questão, acreditavam apenas em fontes escritas. Eles pensavam que testemunhos orais, ou até relatos de testemunhas orais, mudariam com o tempo e, portanto, não poderiam ser utilizados por historiadores. No entanto, em um nível popular, na Europa, no Extremo Oriente, no sul da Ásia, as pessoas usavam muito histórias e tradição oral em suas próprias vidas. Se você pensar na Bélgica, apenas pergunte às pessoas, pessoas realmente anciãs, sobre as epidemias de cólera, e elas ainda se recordam o que foram em suas cidades ou regiões. Ou então pergunte sobre emigração para a América. Poucas pessoas saberão sobre isso diretamente, mas elas ouviram histórias. E sobre a Grande Fome, e por aí vai. Então, para pessoas comuns, estava claro que isso era uma fonte de história. Mas os historiadores não as aceitavam.

Após examinar em campo, depois de fazer pesquisa de campo entre os bakuba na África Central, descobri que seria possível aplicar o método padrão para avaliar o valor do testemunho na história, o qual nós chamamos *rules of evidence*, em inglês.²⁷ Foi possível aplicar as regras da evidência para o material oral. E eu escrevi um manual sobre isso. Primeiro, eu escrevi uma dissertação, que foi aceita por todas as universidades na Bélgica. Depois ela se espalhou como método. Com o passar do tempo ocorreram críticas e revisões nesse método, e eu escrevi uma outra versão revisada dele. Mas ele se espalhou por todo o mundo, não apenas na Bélgica ou na África, e se espalhou de historiadores de antiguidades a historiadores da era moderna, e para historiadores de tempos contemporâneos que, como cientistas políticos, sempre utilizaram entrevistas, que é material oral.

²⁷ NOTA DE TRADUÇÃO: regras da evidência, em tradução livre para o português.

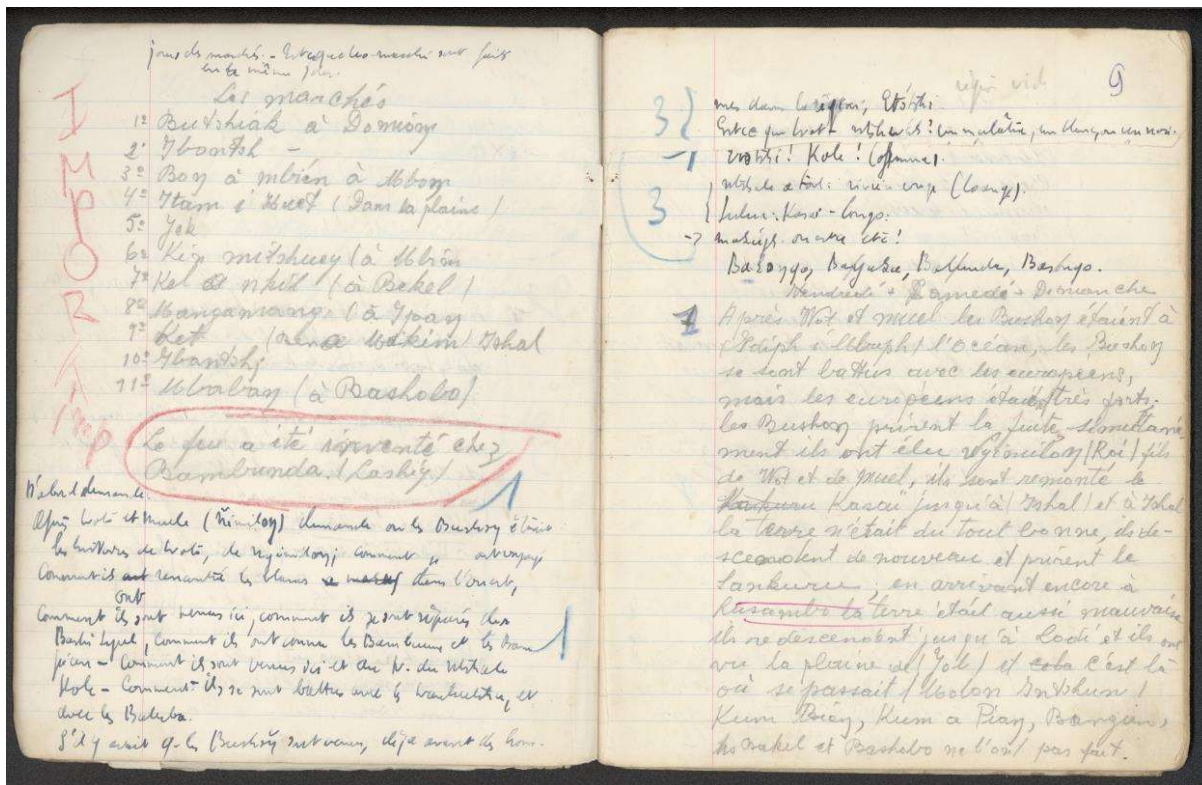


Figura 5: Páginas de um caderno de Anacleto Mikwepey. 1953. ²⁸

HV: Quando se tornou claro para você que o estudo das tradições orais proveria a chave para destrancar histórias que, de outro modo, não seriam possíveis de escrever?

JV: Bem, isso começou, de fato, antes de eu ir para a África. A dissertação de mestrado que eu fiz, em história medieval, tratou de apresentações orais que foram, posteriormente, registradas de forma escrita. Então, eu tinha uma ideia de quais tipos de problemas eu iria encontrar. Eu cheguei nos territórios kuba para ser um antropólogo, mas depois de cerca de dois meses, algo assim, uma pessoa mais velha, com a qual eu estava conversando, disse “Nós temos nossos jornais também! eles são orais - nós lembramos coisas do passado”. Imediatamente, você sabe, eu fiz essa conexão com aquele material medieval. E enquanto se continuava a reconhecer universalmente que fontes orais não eram válidas, eu pensei que valeria a pena verificar! Então, como eu fui treinado em método, especialmente, eu comeci a checar primeiramente dados que eram lembrados palavra por palavra, como poesia, coisas que são o mais próximo que você pode chegar de versões escritas, e descobri que havia um grande banco deles. Agora, levou um ano, ou mais de um ano para eu juntar todos os dados que eu poderia utilizar para uma história dos bakuba. Era uma história que foi inteiramente baseada em material oral, com pouca coisa

²⁸Anacleto Mikwepey foi um dos principais assistentes de pesquisa de Vansina entre os Kuba em 1953. Ele ensinou Vansina Bushoong, a língua falada em e ao redor de Nsheng, a capital Kuba. À esquerda está uma lista de mercados Kuba e, à direita, está o início de uma versão da história de origem Kuba, mencionando os ancestrais primordiais Woot e Mweel. Arquivos de Jan Vansina, MRAC, Tervuren, HA.01.0331, caderno 5, p. 08-09.

escrita nela. Foi baseada também em material oral essencialmente advindo do grupo dominante no reino. Eu soube disso porque eu trabalhei com as genealogias de quem sabia algo de alguém, mas eu não imaginei que isso seria um grande problema. E é claro, que seria um problema eventualmente, porque era a história recordada e contada pelo grupo dominante em um regime político, onde ela tem, é claro, sua legitimidade. Então, mais tarde, após um certo número de anos, a questão das tradições orais teve de ser melhorada, alguma coisa teve de ser feita sobre a história kuba, para sustentá-la por outros itens além da tradição oral da corte. E foi nisso onde usei a linguística.

Agora nós estamos no limiar de uma nova era, no qual, muito recentemente, foi mostrado que, no limite da capacidade do cérebro humano, há dois tipos de história oral. Nós lembramos das coisas diretamente, e nós fazemos isto numa parte do cérebro que é intimamente conectada às emoções. Nós também *sabemos* as coisas, como 2 mais 2 é igual a 4, e tradições orais, de longa data. Coisas como épicos ou histórias de origem tendem a ser guardadas na seção do conhecimento, que é o córtex, no topo do cérebro. Isto é muito menos ligado às emoções. Significa que existem dois tipos de histórias orais e tradições orais. Histórias orais de entrevistas sobre tempos recentes, que podem retornar a cerca de 120 anos - vamos dizer ao tempo de seus avós ou, talvez, um pouco antes -, estas podem ser utilizadas e avaliadas pelos métodos padrões. Não há nenhum problema. E elas podem ser usadas em qualquer parte do mundo. Para as tradições orais mais antigas, há um grande número de problemas. Nós sabemos que algumas das mais antigas tradições orais são fortemente associadas às emoções, mas estas são emoções do presente, não emoções do tempo em que os eventos supostamente aconteceram. Então, há todo um estudo adicional para escrever e desenvolver sobre como estas tradições mais antigas foram preservadas na realidade, como elas foram dotadas de novas emoções, sobre que tipos de problemas versam. A grande parte destes problemas são questões identitárias, e é um domínio de pesquisa que não está completamente terminado.

Considerações finais

A entrevista de Vansina aqui traduzida, realizada por Hein Vanhee, nos revela o pioneirismo do antropólogo / historiador belga em três sentidos principais: ele foi um dos primeiros de ramo de conhecimento na Bélgica a terem realizado pesquisa de campo; estando em campo, se alijou o máximo que pode dos europeus e se envolveu quase que completamente no cotidiano dos bakuba, tendo tido a oportunidade de inclusive passar pelo ritual de iniciação deste povo - o que, justamente, originou o título da entrevista; o terceiro e último ponto diz respeito ao estudo das tradições orais, que rendeu um merecido prestígio a nível mundial para Jan Vansina.

A entrevista também é desveladora de como a arte foi utilizada como ferramenta diplomática pelo Reino Kuba e permitiu que o reino estabelecesse relação direta com figuras proeminentes da política ocidental, fazendo com que gozassem de um certo *indirect rule*, uma condição em que o colonialismo belga lhes dava alguma autonomia. Enfim, o material aqui traduzido, além de sua importância natural, por ser a última entrevista de Vansina, mostra-se, também, relevante fonte para aqueles que querem conhecer mais sobre o trabalho daquele que foi o maior especialista sobre assuntos históricos do território que hoje se entende por República Democrática do Congo, ou desejam ler sobre o Reino Kuba e sua arte, ou até mesmo aqueles que procuram entender melhor os meandros do colonialismo belga.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Aqui se encontram também, incluídas na sequência alfabética e destacadas em negrito, as referências colocadas no final do original traduzido na segunda parte deste capítulo.

ARNAUT, Karel; VANHEE, Hein. History Facing the Present: An Interview with Jan Vansina. Disponível em: <<https://lists.h-net.org/cgi-bin/logbrowse.pl?trx=vx&list=h-africa&month=0111&week=a&msg=B329qornDbogDF33UOW6qw&user=&pw=>>. Acesso em: 05 jun. 2021.

BALANDIER, Georges. La situation coloniale: approche théorique. **Cahiers Internationaux de Sociologie**, v. 1, n. 110, p. 9-29, 2001.

BINKLEY, David A.; DARISH, Patricia J. "Enlightened but in darkness": interpretations of Kuba art and culture at the turn of the twentieth century. In: SCHILDKROUT, Enid; CURTIS A. Keim (eds). **The scramble for art in Central Africa**. Cambridge: Uni. Press, 1998, p. 37-62

CORNET, Joseph. **Art royal kuba**. Milan: Edizioni Sipiel, 1982.

CUREAU, Harold G. William H. Sheppard: Missionary to the Congo, and Collector of African Art. **The Journal of Negro History**, v. 67, n. 4, p. 340-352, 1982.

MABINTCH, Belepe Bope. Les oeuvres plastiques africaines comme documents d'histoire: les cas de statues royales ndop des Kuba du Zaire. **Africa-Tervuren**, v.27, n. 1, p. 9-17, 1981.

MOREL, Edmund Dene. **King Leopold's Rule in Africa**. London: William Heinemann, 1904.

MUNANGA, Kabengele. Antropologia africana: mito ou realidade? **Revista de Antropologia**, São Paulo, n. 26, p. 151-160, 1983.

SALUM, Marta Heloísa Leuba (Lisy). Des-En-terrando achados: vistas sobre a África das diásporas. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, n. 22, p. 195-218, 2012.

VANHEE, Hein. "This Guy has become a Complete Savage" - A Last Interview with Jan Vansina. **African Studies Quarterly**, v. 18, n. 2, p. 1-16, 2019.

VANSINA, Jan. **Art History in Africa: An Introduction to Method**. [London]: Routledge, 1984.

_____. Art Royal Kuba by Joseph Cornet. **African Arts**, Los Angeles, v. 16, n. 3, p. 12-20, 1983.

_____. ***Being Colonized. The Kuba Experience in Rural Congo, 1880-1960.*** Madison: University of Wisconsin Press, 2010.

_____. **De la tradition orale: essai de méthode historique.** Tervuren: Musée Real de l'Afrique Centrale, 1961. (Annales Sciences Humaines, n. 16)

_____. De Vita Sua. **Society**, v. 53, n. 3. p. 240–245, 2016.

_____. **How societies are born: governance in West Central Africa before 1600.** Charlottesville: University of Virginia Press, 2004.

_____. **Introduction à l'ethnographie du Congo.** Kinshasa: Université Lovanium; Kisangani: Université Libre Du Congo; Lubumbashi: Université Officielle Du Congo; Bruxelles: Centre de recherche et d'information socio-politiques, 1966. (Éditions universitaires du Congo).

_____. La survie du royaume kuba a l'époque coloniale et les arts. **Annales Aequatoria**, v. 28, p. 5-29, 2007.

_____. **Le royaume kuba.** Tervuren: Musée Real de l'Afrique Centrale, 1964. (Annales du MRAC, in-8o. Sc.Hum, 49).

_____. **Les anciens royaumes de la savane: les états des savanes méridionales de l'Afrique Centrale des origines a l'occupation coloniale.** Léopoldville: Institut de Recherches Économiques et Sociales, 1965. (Études sociologiques, 1)

_____. **The Children of Woot: A History of the Kuba Peoples.** Madison: University of Wisconsin Press; Folkestone: Wm Dawson Sons, 1978.

Recebido em: 10/11/2021

Aprovado em: 20/02/2022